



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**



**JANEILSON DE LIMA DE SOUSA
VICTOR SOUSA TEIXEIRA**

**PRAZER E SOFRIMENTO NA ADAPTAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO DE
DOCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

JANEILSON DE LIMA DE SOUSA

VICTOR SOUSA TEIXEIRA

**PRAZER E SOFRIMENTO NA ADAPTAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO DE
DOCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Me. José Edemir Da Silva Anjo

PICOS-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S725t Sousa, Janeilson de Lima de
Prazer e sofrimento na adaptação no ambiente de trabalho de docentes durante a pandemia de Covid-19 / Janeilson de Lima de Sousa, Victor Sousa Teixeira – 2022.
31 p.

Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da Biblioteca José Albano de Macêdo - CSHNB
Aberto a pesquisadores, com as restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Bacharelado em Administração, Picos-PI, 2022.

“Orientador: Me. José Edemir da Silva Anjo.”

1. Trabalho Docente. 2. Trabalho Remoto – Adaptação. 3. Saúde do Trabalhador - Covid-19. I. Teixeira, Victor Sousa. II. Anjo, José Edemir da Silva. III. Título.

CDD 612.042

Rafael Gomes de Sousa CRB 3: PI-1163

ATA DE DEFESA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

JANEILSON DE LIMA DE SOUSA
VICTOR SOUSA TEIXEIRA

PRAZER E SOFRIMENTO NA ADAPTAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO DE
DOCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19


A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera os discentes como:

(X) Aprovados

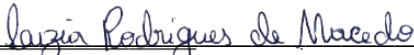
() Aprovados com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

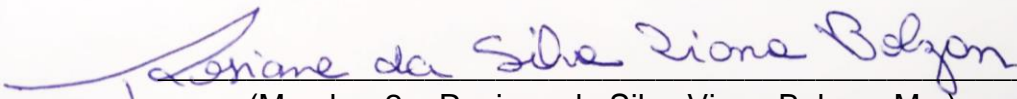
Picos (PI), 09 de maio de 2022.



(Orientador – José Edemir da Silva Anjo, Me.)



(Membro 1 – Luzia Rodrigues de Macêdo, Esp.)



(Membro 2 – Rosiane da Silva Viana Bolzan, Ma.)

Acima de tudo agradecemos a Deus por mais essa realização.

Dedicamos as nossas famílias e ao professor José Edemir por toda a colaboração e principalmente paciência durante o desenvolvimento desde trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas nossas vidas, e por nos permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização desse trabalho.

Aos nossos familiares, que sempre nos incentivaram e estiveram conosco nos momentos difíceis, e compreenderam nossa ausência enquanto nos dedicávamos a realização desse trabalho.

Ao Professor José Edemir, por ter sido nosso orientador e ter desempenhado tal função com total dedicação, paciência e amizade.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o nosso processo de aprendizado.

Aos colegas de curso, com quem convivemos intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que nos permitiram crescer não só como pessoas, mas também como formandos.

A universidade federal do Piauí, essencial no nosso processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendemos ao longo dos anos do curso.

“Se você tiver ambição e conhecimento poderá chegar ao topo na sua profissão,
independentemente de onde começou.” – Peter Drucker

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de compreender a percepção dos docentes em relação ao sofrimento e ao prazer decorrente da mudança do ambiente de trabalho durante a pandemia da Covid-19. Para isso a pesquisa traz como aporte teórico a psicodinâmica do trabalho diante do contexto da pandemia Covid-19 nas relações do trabalho dos docentes quanto o prazer e ao sofrimento percebidos durante esse tempo de ensino remoto. O estudo foi conduzido por meio de uma abordagem qualitativa, sendo realizado um estudo de caso em uma universidade pública federal da região nordeste brasileiro. Para tanto, foram feitas entrevistas semiestruturadas com docentes efetivos que atuaram no trabalho remoto de ensino. A partir da codificação e categorização dos dados produzidos, os resultados apontam que o trabalho docente no formato remoto causou prazer e sofrimento docentes. Quanto ao sofrimento, os resultados apresentaram o desgaste mental nos docentes na sua adaptação ao ambiente de trabalho “novo” e também adequação de sua rotina de ensino. Outro fator está relacionado ao distanciamento ocorrido entre os docentes e discentes, bem como entre os docentes e seus colegas de trabalho. Quanto ao prazer, verificou-se que a carga de aprendizado desde métodos didáticos até tecnologias que foram vistos como satisfação pessoal e desenvolvimento durante tal período. Assim, foi observado que apesar das dificuldades surgidas nessa adaptação a modalidade de ensino remoto, percebeu-se que aspectos subjetivos os auxiliaram ao longo desse período.

Palavras-chave: Prazer e Sofrimento; Trabalho Docente; Trabalho Remoto; Covid-19.

ABSTRACT

The present study aimed to understand the perception of teachers in relation to the suffering and pleasure resulting from the change in the work environment during the Covid-19 pandemic. For this, the research brings as a theoretical contribution the psychodynamics of work in the context of the Covid-19 pandemic in the work relationships of teachers and the pleasure and suffering perceived during this time of remote teaching. The study was conducted using a qualitative approach, with a case study being carried out at a federal public university in the northeast region of Brazil. For this, semi-structured interviews were carried out with effective teachers who worked in remote teaching work. From the coding and categorization of the data produced, the results indicate that teaching work in the remote format caused teachers pleasure and suffering. As for suffering, the results showed the mental exhaustion of teachers in their adaptation to the “new” work environment and also the adequacy of their teaching routine. Another factor is related to the distance between professors and students, as well as between professors and their co-workers. As for pleasure, it was found that the learning load from didactic methods to technologies that were seen as personal satisfaction and development during such period. Thus, it was observed that despite the difficulties that emerged in this adaptation to the remote teaching modality, it was noticed that subjective aspects helped them throughout this period.

Keywords: Pleasure and Suffering; Teaching Work; Remote Work; Covid-19.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Descrição dos docentes.....	17
Quadro 2 – Quadro das categorias.....	18
Figura 1 – Nuvem de palavras.....	20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. NOTAS SOBRE PSICODINÂMICA NO TRABALHO	13
2.1. ASPECTOS DO TRABALHO DOCENTE UNIVERSITÁRIO	14
3. A JORNADA DE TRABALHO DO DOCENTE UNIVERISTÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19	15
4. PERCURSO METODOLÓGICO	17
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	20
5.1. O SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA	21
5.1.1 Adaptação do ambiente de trabalho.....	21
5.1.2 Interação social educacional.....	22
5.1.3 Falta de reconhecimento da categoria	23
5.1.4 Cansaço físico e mental	23
5.2. O PRAZER NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA	24
5.2.1. Crescimento pessoal e profissional	24
5.2.2. Desenvolvimento das relações docentes e discentes	25
5.2.3. Gestão do tempo	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

A industrialização, os meios de comunicação e o avanço das tecnologias da informação transformaram as relações de trabalho, modificaram o ambiente laboral, bem como fez surgir inúmeros aspectos benéficos para a celeridade das atividades de trabalho. Todavia, essa rápida e grande evolução trouxera algumas consequências, na qual destaca-se àquelas relacionadas ao ambiente, e que vêm modificando vários aspectos relacionados ao trabalho, e que podem afetar a psique e a saúde física e mental, e põem profissionais em situação de vulnerabilidade quanto ao contexto atual de trabalho. Em virtude do cenário de transformação que se encontra o mundo, os diversos aspectos relacionados ao trabalho põem milhares de pessoas em situações de trabalho desgastantes e que contribuí para o desenvolvimento de doenças relacionadas à ergonomia e à psicopatologias.

Correlato a isso, em 2019, o surgimento do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), com alta transmissibilidade, na qual transformou-se em uma pandemia, causou impacto em todas as esferas sociais, políticas e econômicas. Outrossim, alterou-se o ambiente de trabalho de grande parte da população mundial, acarretando a necessidade dessas em se adaptar a outra metodologia de trabalho: o trabalho remoto (home office), na qual é uma das modalidades do teletrabalho, e que no contexto dos dias atuais se deu de forma rápida, sem planejamento e nem preparação prévia dos trabalhadores que atuariam desse modo (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020).

Desse modo, a COVID-19, modificando o comportamento e ações da sociedade, promoveu um contexto atípico de trabalho, na qual trabalhadores saíram dos ambientes internos de uma organização para os seus domicílios. Esse fato atingiu os mais diversos setores da economia, com destaque no da educação, em que docentes e alunos foram compelidos a mudar seus ambientes de trabalho e estudos. Em estudos realizados com professores brasileiros indicam que, apesar do trabalho ser associado ao prazer, nessa classe é encontrado diversas dificuldades na execução de suas tarefas (DARIO; VILELA; LOURENÇO, 2021; HOFFMANN *et al.*, 2017; SILVA; SILVA; NELSON, 2015), principalmente no período pandêmico (SOUZA *et al.*, 2021). Assim, o presente estudo tem como objetivo geral compreender a percepção dos docentes em relação ao sofrimento e ao prazer decorrente da mudança do ambiente de trabalho durante a pandemia da Covid-19. Outrossim, como objetivos específicos, pretende-se analisar o impacto dos fatores de sofrimento nas atividades docentes em seu processo de adaptação no ambiente de trabalho domiciliar, assim como compreender os reflexos dos aspectos de prazer na rotina docente para superar as dificuldades do ensino remoto. Para tanto o lócus da pesquisa fora com docentes efetivos em uma instituição federal de ensino superior localizada no nordeste do Brasil.

Nesse contexto, o estudo justifica-se pela importância de apresentar para a sociedade fatores do trabalho remoto realizado por docentes gerando, como consequência, sofrimento e prazer nas atividades (BARROS; SILVA, 2010; FILARDI; CASTRO; ZANINI, 2020). Logo, o contexto do trabalho remoto gerou fatores que são essenciais serem apresentados devido à necessidade de buscar meios mais adequados, saudáveis, ergonômicos e prazerosos para um ambiente de trabalho que foi alterado de forma emergencial, em decorrência de um vírus que se espalhou globalmente.

A presente pesquisa toma como base teórica a psicodinâmica do trabalho em conjunto a estudos sobre a contextualização das universidades públicas brasileiras durante a pandemia do Covid-19, com atenção ao trabalho docente e sua mudança de ambiente de trabalho. O estudo orienta-se por uma abordagem de natureza qualitativa para compreensão da realidade social do

fenômeno investigado. Para fins de coleta e produção dos dados com entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo temática. E, para além dessas considerações iniciais, o trabalho segue estruturado com o referencial teórico seguido do percurso metodológico. Logo após, são apresentados e discutidos os resultados e, por fim, considerações finais sobre a realização do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 NOTAS SOBRE PSICODINÂMICA NO TRABALHO

A Psicodinâmica tem suas raízes históricas nos anos de 1950, surgindo de um movimento chamado psicopatologia do trabalho, liderado por alguns psiquiatras franceses, e sendo desenvolvida na década de 1980 na França, pelo psicanalista Christophe Dejours. A psicodinâmica do trabalho é uma abordagem científica que investiga o comportamento e estuda as relações dinâmicas entre organização do trabalho e os processos de subjetivação dos trabalhadores diante das situações causadoras de sofrimento por conta das organizações do trabalho. Assim, conforme apontado por Dejours (1987):

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma **organização do trabalho que os ignora**.

Para Dejours (1993), o sofrimento é uma vivência subjetiva mediadora entre doença mental e o conforto psíquico. Por outro lado, o autor também afirma que não existe trabalho sem sofrimento, principalmente, porque os valores de saúde e doença foram construídos na empresa sob o foco da produtividade por influência direta do taylorismo. Todavia, o profissional tende a sofrer de forma subjetiva e individualizada na forma de implementar as práticas nas atividades laborais, tonando-se cada vez mais submisso e menos sujeito atuante no contexto das práticas laborais da organização (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015).

Além disso, o sofrimento no trabalho está relacionado também a outros aspectos mais internos a organização, na qual o profissional desenvolve suas tarefas profissionais, expectativas, ansiedade e pressões sobre o desenvolvimento e resultados e que confluem com a manutenção do emprego, *status* ou garantia da renda, na qual isso está relacionado intrinsecamente com a origem das doenças ocupacionais em um indivíduo. No entanto, a principal raiz do sofrimento é singular a cada indivíduo, sendo individualizado e dependente da construção social e psíquica. (DEJOURS, 1994).

Outrossim, conforme Silva, Silva e Nelson (2015), existe outra vertente que influencia no sofrimento é o salário, em que este tem-se como um incentivo de minimizar o sofrimento dentro de uma organização. Silva, Silva e Nelson (2015) relatam que o salário é fator mais comum de tentar motivar o desempenho do trabalho do que o contexto do serviço. Portanto, fica evidente a necessidade de se observar as implicações do mundo do trabalho com uma abordagem também preventiva em relação ao adoecimento mental dos profissionais, além disso, não é apenas detectar os aspectos que causem sofrimento psíquico, mas também por evidência as doenças que podem vir a acometer os trabalhadores e também fortalecer a importância de investir na saúde dos colaboradores (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

No aspecto do prazer, alguns fatores estudados para que seja perceptível para as organizações aqueles que podem contribuir numa melhor adequação na organização do trabalho, na qual se inclui a organização do ambiente de trabalho para que se mitigue o sofrimento. Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) salientam que um dos fatores que está envolvido no prazer do trabalho também estar nas relações sociais, na qual o relacionamento com colegas de trabalho pautada na cooperação, apoio e confiança podem contribuir numa vivência laboral prazerosa e que também reflete num melhor estado mental. Um outro fator que envolve o prazer é o sentido atribuído ao trabalho, pois é a partir disso que o profissional reconhece o grau de importância de suas tarefas de trabalho para si e para os demais da

sociedade, cuja também entra o aspecto do reconhecimento, em que percebe-se que tanto fatores intrínsecos quanto extrínsecos ao indivíduo são determinantes nas vivências de prazer.

Dario e Lourenço (2018) reforçam que o trabalho influencia na formação da autoimagem do profissional (conhecimento de si, autoestima), assim, constitui um mediador da saúde, com primazia a mental, dessa forma possibilita a construção da identidade dos sujeitos do trabalho. Nesse sentido, a possibilidade do uso de uma marca pessoal, reforçada pelo orgulho pelo que faz, aliado ao reconhecimento pelos superiores, bem como pelos colegas, também se modela como um aspecto de produção do prazer laboral. Ainda, o trabalho como originadora de prazer permeia também as capacidades humanas do sentir, do pensar e do fazer, em que são interconectadas com as vivências de bem-estar, alegria e satisfação em relação ao trabalho.

2.1. ASPECTOS DO TRABALHO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Diante desse cenário, o setor educacional, com foco na atividade docente fora uma das mais impactadas, na qual seja por uma nova configuração no mundo do trabalho ser provocada, além de outros fatores, pela revolução informacional, avanço tecnológico e pela pandemia causada pelo Vírus SARS-CoV-2, seja pelas políticas públicas relacionadas a expansão do ensino superior (GUSSO, 2020). Hoffmann et al. (2017) relatam que o adoecimento no contexto docente está relacionado a alguns fatores na organização, o trabalho, como ritmo acelerado, exigência de produção, estresse, ansiedade e, sobretudo, conflitos nas relações interpessoais em todos os âmbitos dentro da organização, na qual propulsiona o aspecto relacionado ao sofrimento do docente (HOFFMANN *et al.*, 2017).

Hoffmann et al. (2017) trazem um cenário correlato ao encontrado nos momentos mais críticos da Pandemia de COVID-19, em que certas condições surge um sofrimento, que pode ser considerado o confronto entre uma história individual (na qual se considera projetos, esperanças, desejos e aspirações) e uma organização do trabalho que os ignora todas essas perspectivas. Desse modo, inexistindo opções, docentes fazem de sua casa um ambiente profissional, não definindo horários específicos de trabalho. Consequentemente, essas práticas induzem o sofrimento, pois docentes com carga excessiva de trabalho visam descanso, por exemplo, no fim de semana, no entanto, devido à intensa cobrança e carga de trabalho – com destaque o período pandêmico – confronta esses desejos aos da organização cujo docente integra (HOFFMANN *et al.*, 2017).

O cenário acadêmico proporcionou o avanço de inúmeras consequências negativas para a atividade docente durante a pandemia. Nesse sentido, as instituições de ensino superior por não constituir um todo coeso, se estruturando em ambientes conflituosos, em que, de acordo com Martins e Honório (2014) se dar, em sua grande maioria, pela disparidade de qualificação e desempenho dos docentes. Assim, quando na mudança do ambiente laboral, reforçado pelas outras variáveis, o docente “entrou em crise” na sua atividade. Conforme Freitas (2017), a academia é um *locus* de risco para a saúde dos professores, em que diversos problemas psicossomáticos são os mais diagnosticados

Portanto, faz se necessário a percepção em relação às consequências psíquicas no docente referente ao desenvolvimento de suas atividades, pois, conforme dados do Ministério da Saúde (MS)¹, transtornos mentais ocupam a terceira posição quando analisado as principais causas de afastamento do trabalho por mais de quinze dias ou aposentadoria por invalidez (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

¹ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/transtornos-mentais-sao-terceira-maior-cao-de-afastamento-do-trabalho>> Acesso em: 20 de fev de 2022.

3. A JORNADA DE TRABALHO DO DOCENTE UNIVERISTÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

O alto risco de transmissão do coronavírus fez com que o mundo buscasse providências para poder se adaptar rapidamente e de várias maneiras, sendo que, o isolamento social foi o mais indicado pelas autoridades da saúde para evitar a disseminação do vírus e mitigar as possíveis consequências. Ademais, milhares de profissionais de todas as áreas, tiveram suas atividades laborais abaladas, assim, precisaram se ajustar a uma nova forma de trabalho, na qual tiveram que exercer suas funções profissionais de forma remota. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a IBGE-PNADCOVID19², em maio de 2020, eram cerca de 8 milhões de trabalhadores em atividade remota.

Outrossim, o trabalho docente, em todos os níveis de ensino, seja nas instituições públicas seja nas privadas, passou por inúmeros desafios no ápice da pandemia, bem como ainda se passa, devido à mudança de ensino presencial para o ensino por meio de plataformas digitais, impactando diretamente a atividade docente, levando em consideração que a sala de aula é constituída por um espaço de aglomeração (GODOI *et al.*, 2020).

Desse modo, as instituições educacionais suspenderam suas atividades presenciais como medida para evitar o contágio. Esse processo de mudança de atividades presenciais para a forma remota, exigiu dos docentes um grande poder de adaptação e obtenção de novas habilidades para lidar com esse novo método de trabalho, pois além dos saberes necessários para a prática de suas funções na sala de aula, tiveram também que aprender e utilizar conhecimentos em tecnologia, para utilização de softwares, computadores, plataformas digitais, entre outras. Nesse ínterim de mudanças na forma de trabalhar, levou a comunidade acadêmica, docentes e técnicos administrativos, a processos de adaptação do ambiente de trabalho (GUSSO *et al.*, 2020).

A sobrecarga gerada por objetivos propostos pelas instituições de ensino durante esse período pandêmico, e devido à pressão para utilização de tecnologias da informação sem preparo adequado, acabou adoecendo o docente, na qual pesquisas internacionais já mostram o adoecimento docente expresso pelas incertezas, estresses, ansiedade e depressão, ocasionando à síndrome do esgotamento profissional. Esse cenário mostra que os docentes estão inseridos em um ambiente propício ao adoecimento mental pelos reflexos da Covid-19, seja das pressões oriundas das instituições de ensino superior relacionadas ao uso das tecnologias digitais, dos objetivos de produção científica, da adaptabilidade ao novo ambiente de trabalho e da programação cotidiana de aula dos docentes, somadas a sua vida conjugal, materna e doméstica e tantas outras atribuições que lhes são conferidas (SILVA *et al.*, 2020).

Ademais, as metodologias laborais dos docentes no trabalho remoto alterou sua jornada de trabalho, e conseqüentemente, seu estilo de vida, na qual, passou a se dedicar também em obter conhecimentos sobre alguns aspectos que iriam influenciar na forma de ensino, como, por exemplo, aprender a utilizar ferramentas novas tecnológicas e didáticas. Assim, é notório que de forma conjunta com a expansão da educação superior, é expressa a expansão da precarização do trabalho docente, em que a mudança do ambiente de trabalho colaborou nesse aspecto (DARIO; VILELA; LOURENÇO, 2021). Desse modo, conforme Souza *et al.* (2021), o fato é que no contexto da pandemia, os docentes, submetidos ao um novo ambiente de trabalho e imersos a novas ferramentas laborais encontram-se submetidos a exigências, cujas anteriormente eram mitigadas pelo ambiente de trabalho presencial.

² Disponível em:< <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>> Acesso em 02 mar de 2022.

Além disso, a existência de insistentes e constantes cobranças para entrega de atividades e tarefas diárias, que provoca desgaste físico e psicológico nos docentes, gerando a possibilidade do profissional adquirir, por exemplo, a Síndrome de *Burnout*. Nesse aspecto, Carlotto (2002) salienta que essa síndrome traz alguns sintomas, tais como: “insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso no uso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais”. Ademais, o acometimento de doenças, como essa, é em todas as classes sociais e hierarquias, e cujas estão se tornando cada vez mais frequentes (SILVA *et al.*, 2020).

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Para realização do estudo adotamos o método de pesquisa qualitativa com caráter explicativo, tomando como ponto de partida o objetivo desse estudo – que é compreender a percepção dos docentes em relação ao sofrimento e ao prazer decorrente da mudança do ambiente de trabalho durante a pandemia da Covid-19. Logo, busca-se por meio da pesquisa qualitativa uma descrição densa dos fatos, procurando a compreensão das experiências humanas dentro de determinado contexto (CRESWELL, 2010; GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010; GODOI; BALSANI, 2010).

Godoy e Balsani (2010) retrata a pesquisa qualitativa como um conceito “guarda-chuva”, na qual propõe auxiliar na explicação do fenômeno, porém, sem buscar regularidade nos agentes na qual descreve. A busca dessa metodologia ~~é de~~, conforme Godoy e Balsani (2010), “[...] *compreensão dos agentes, daquilo que levou singularmente a agir como agiram*”. Como estratégia metodológica utilizou-se o estudo de caso, na qual se caracteriza por utilizar uma série de técnicas de pesquisas usuais em maior profundidade, como a realização de entrevistas. A utilização do estudo de caso parte da premissa do interesse do pesquisador em voltar-se a compreender os processos sociais que ocorrem num determinado contexto (GODOY, 2010)

Desse modo, a coleta dos dados ocorreu por meio da realização de entrevistas com suporte de um roteiro semiestruturado, na qual proporcionou flexibilidade para o pesquisador para ordenar e formular perguntas durante a entrevista. A técnica de entrevista utilizada foi a qualitativa com caráter explicativo, em que sua escolha recai pelo fato de essas pesquisas ter como foco central identificar os aspectos que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GODOI; MATTOS, 2010).

A pesquisa explicativa inclui a consideração dos diferentes pontos de vista dos envolvidos, o que possibilita a captura de sua perspectiva, sendo a mais apropriada para a situação, uma vez que trata-se das considerações dos envolvidos (GIL, 2010). A escolha da entrevista para a pesquisa colaborou em dois aspectos: o primeiro está relacionado ao aspecto do distanciamento social, assim evitando contato e, conseqüentemente, contágio entre pesquisador e entrevistado; o segundo aspecto está relacionado a própria análise dos dados, visto que foi possível observar como o docente fazia suas reflexões acerca de cada pergunta, tal como expressões e comportamentos (GODOI; MATTOS, 2010).

Com o intuito de descobrir quais as principais causas de sofrimento no trabalho remoto, o questionário foi dividido em quatro seções: o perfil demográfico, social e econômico dos entrevistados; questões sobre o contexto do trabalho remoto; questões sobre psicodinâmica (sofrimento e prazer); e questões sobre a intensificação do trabalho. Foram convidados seis docentes do curso de administração de uma instituição de ensino superior na região nordeste do Brasil, dos quais apenas quatro se disponibilizaram a participar da pesquisa. As entrevistas se deram por meio remoto, com o uso do “*Google Meet®*”, cada uma com uma duração média de 40 a 60 minutos.

Visando não revelar os nomes dos entrevistados, fora utilizado nomes substitutos, na qual pretendeu-se usar nomes de referência na literatura da administração. Desse modo, conforme o quadro seguinte, os docentes tem títulos de mestrado e doutorado, com tempo de médio na atividade docente de mais de 13 anos. Desse modo, preservando a identidade dos docentes que foram entrevistados no decorrer da pesquisa os nomes utilizados foram: **Taylor** e **Fayol** para os entrevistados do sexo masculino; e **Follet** e **Warhlich** para as entrevistadas do sexo feminino.

Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados

Nome	Formação	Tempo de serviço como docente
Taylor	Mestrado em administração	7 anos e 3 meses
Follet	Mestrado em administração	18 anos
Währlich	Doutorado em direito	11 anos
Fayol	Doutorado em administração	17 anos

Fonte: Produzido pelos pesquisadores com base nas respostas sobre o perfil do entrevistado.

Os dados produzidos foram analisados por meio da análise de conteúdo (COLBARI, 2014). Para analisar as falas dos entrevistados fora observado padrões em suas respostas, e assim produzidos códigos temáticos. Contabilizando todas as quatro entrevistas, foram extraídos 24 códigos que remetem tanto ao sofrimento quanto ao prazer. A partir disso, foram criadas 7 subcategorias que englobam termos semelhantes quanto ao conteúdo desses códigos. Destacamos que a análise foi realizada por meio de uma dimensão interpretativa e de quadros conceituais, em que os processos de codificação e categorização foram operacionalizados sem o suporte de softwares.

Quadro 2 – Categorias e Subcategorias Temáticas

SOFRIMENTO	SUB-CATEGORIAS	PRAZER	SUB-CATEGORIA
Necessidade da metodologia remota	Adaptação do ambiente de trabalho	Manutenção de laços profissionais	Desenvolvimento das relações docentes e Discentes
Adaptar a rotina de ensino/adaptação de rotina/Persistir em melhorar		Cooperação entre professores	
Conciliação com tarefas domésticas		Desenvolvimento de relações	
Distanciamento social			
Falta de interação/ Presença física do aluno	Interação social educacional (dos alunos)	Vocação de dar aulas/Aprendizado / crescimento pessoal /evolução pessoal tecnologicamente / desenvolvimento de habilidades/ Dinâmicas adaptadas/ Despertar da inovação / aumento da criatividade	Crescimento pessoal e profissional
Falta de reconhecimento da categoria /Falta de ajuda do governo	Falta de reconhecimento da categoria docente	Maior disponibilidade de tempo / proximidade com a família	Gestão do tempo
Psicológico	Cansaço físico e mental	Disponibilidade em multiplataformas	
Cansaço/Desgaste		Tecnologias a serviço da docência	

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Os resultados demonstram que a adaptação ao ambiente de trabalho dos docentes constituiu fatores de sofrimento e prazer. Esses fatores demonstram alguns planos sobre como foram as atividades de trabalho docente durante a pandemia, na qual a análise passou-se também sob os aspectos pessoais quanto profissionais deles. Assim, foi observado que apesar das dificuldades surgidas nessa adaptação a modalidade de ensino que os docentes não havia experiência profunda nesse formato remoto, percebeu-se que aspectos pessoais os auxiliaram, ao longo desse período, na readaptação às aulas.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados coletados foi possível investigar como a mudança no ambiente de trabalho gerou inúmeras consequências tanto relacionadas aos aspectos pessoais quanto profissionais dos docentes (GODOI *et al.*, 2020; GUSSO *et al.*, 2020). Nesse sentido, foram categorizadas alguns fatores de acordo com cada fala nas entrevistas com os docentes, de maneira que a apresentação dos resultados foi dividido em duas dimensões: a do sofrimento, que apresenta aspectos relacionados a adaptação ao ambiente de trabalho; e a do prazer, na qual relaciona fatores que contribuem para satisfazer, bem como mitigar o sofrimento, quanto à prática laboral. Esta divisão vai ao encontro dos estudos sobre psicodinâmica no trabalho, realizados pelo psicanalista Christophe Dejours na década de 1980.

Foi feita uma nuvem de palavras com os entrevistados, na qual mostra em palavras as percepções relacionados no âmbito da pesquisa, na qual foram solicitadas palavras previamente quanto a seguinte indagação: “Quais são as 5 (cinco) primeiras palavras que vem a sua cabeça quando se fala em trabalho remoto durante a pandemia?”, com o fim de construir uma análise mais precisa dos dados e analisá-los sob as premissas advindas dos estudos de psicodinâmica no trabalho de Dejours (1994).

Figura 1 – Nuvem de Palavras



Fonte: Dados da pesquisa a partir do sítio Wordart.com®.

Desse modo, as três palavras que mais foram ditas foram “comodidade”, “motivação” e “cansaço”, na qual apareceram em quantidades iguais. Assim, corrobora com Giogo, Monteiro e Sobrosa (2015), em que relacionam alguns fatores que constitui o prazer no trabalho, o que de acordo com a compreensão dos dados, gerou a motivação no processo das atividades docentes. Conforme Hoffmann *et al.* (2017), o adoecimento no contexto docente está relacionado, além de outros aspectos, à exigência de produção, à estresse e à ansiedade, o que reafirma a palavra “cansaço” ser uma das mais citadas pelos docentes, em que isso se interliga ao processo de adaptação ao ambiente de trabalho, de novas didáticas e uso de recursos outrora não utilizados (SOUZA *et al.*, 2021).

5.1. O SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

5.1.1 Adaptação do ambiente de trabalho

Com o avanço da COVID-19, fez com profissionais dos mais diversos setores tivessem que modificar suas vidas e se adaptar ao novo cenário de trabalho. Na educação os docentes se viram a **necessidade** de migrar para a **metodologia remota**, em que se deu de forma célere em virtude do estágio que se previa chegar em relação a disseminação do vírus (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020). Um dos entrevistados relata a situação: *"Talvez isso fosse algo inevitável daqui mais alguns anos. Talvez uma década, mas nesse momento as coisas vieram meio que de repente"* (Fayol).

O trabalho docente perpassou por diversos desafios no período pandêmico, devido à mudança de ensino presencial para o ensino por meio de plataformas digitais, gerando reflexo direto nas atividades da docência, o que propiciou o surgimento de uma série de fatores que causasse sofrimento neles (GODOI *et al.*, 2020).

Associado a esse último relato, outro ponto que foi bastante enfatizado pelos entrevistados foi a questão da **adaptação da rotina de ensino** por Taylor *"[...] eu fui eu fui adaptando a minha prática de trabalho docente presencial a essa prática remota."* **Fayol** ainda complementa:

[...] Todos os professores de alguma maneira é tenham tentado né melhorar suas condições de dar aula, né? Se preparar adequadamente, para tentar atingir o objetivo.

De início, todos viram essa mudança como um grande desafio, pois a formação acadêmica dos docentes foi com ênfase no ensino presencial, então para eles foi difícil se adaptar a essa nova maneira de dar aulas. No trecho abaixo, é possível observar como se deu, no caso do entrevistado Taylor, esse processo de adaptação:

Eu sou um professor, cuja a minha ênfase de atuação de trabalho é presencial, então quando nós passamos a ter aulas remotas, eu me deparei, aí colocando a última palavra anterior com um desafio. Como é que eu iria adaptar a prática de trabalho presencial, a essa prática é remota?" (Taylor)

Nesse sentido, corroborando com estudos realizados com docentes brasileiros, foi indicado que, embora o trabalho ser relacionado ao prazer, foram encontradas diversas dificuldades na consecução de suas tarefas como docentes (DARIO; LOURENÇO, 2018; HOFFMANN *et al.*, 2017; SILVA; SILVA; NELSON, 2015.) Pois, esse novo método de ensino que foi imposto, era novo para a maioria dos docentes, e eles tiveram que aprender e se adaptar de forma acelerada, como cita a professora **Wahrlich**:

Eu me adaptei tendo que aprender né a utilizar mais ferramentas, o próprio Sigaa, né, com uma questão as tarefas, o campo disponível lá, quantas tarefas o próprio Google, Forms para avaliação, então eu tive que buscar aprendizado nessa parte tecnológica, né, de comunicação, de certa forma de aprendizado, né?

Dessa maneira, sem ter outras opções, os docentes acabam tendo que transformar suas próprias casas em ambientes de trabalho, o que conseqüentemente gera a situação de indefinição horários específicos de trabalho, segundo Hoffmann et al. (2017). Conseqüentemente, essas práticas induzem ao sofrimento, pois os docentes acabam ficando com uma carga negativa excessiva, e assim esses fatores são associados ao mal trabalho se condicionam-se com destaque

na vida laboral desses profissionais. Outro exemplo pode ser observado na fala do professor **Taylor**:

Eu estou aqui em um ponto da minha casa que eu adaptei a uma sala de aula, ou seja, aqui atrás de mim você vendo esse momento assim como nas aulas, eu comprei esse quadro coloquei, aí eu comprei pincéis, eu comprei apagadores, trouxe impressora para cá. Ou seja, eu fiz uma extensão de todo o meu aparato de trabalho da instituição aqui para dentro da minha casa.

Juntamente a essa adaptação do ambiente de trabalho, os docentes ainda tem a preocupação de ter que conseguir **conciliar as tarefas domésticas** com as profissionais: “[...] *sozinha em plena pandemia, trabalho, cuidado de criança.*” (**Follet**). Já para **Taylor**, o que dificultou ainda mais o processo de mudança:

[...] é um ponto negativo porque eu estou adaptando coisas do meu convívio familiar ao meu trabalho, coisa que é, eu vejo que na casa da gente, a gente precisa do conforto, de estar ao lado de nossas famílias. [...] interferiu é na relação pessoal, na relação familiar, por quê, é, é eu trouxe uma extensão do ambiente acadêmico para dentro da minha residência.

Dessa maneira, conforme Souza et al. (2021), os docentes estando submetidos nesse ambiente diverso, estão imersos a exigências outrora não vivenciadas ~~quando~~ no trabalho presencial. Desse modo, constituindo cenários que geram desgaste mental, o que pode induzir uma série de outros fatos maléficis ao docente.

5.1.2 Interação social educacional

Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) enfatiza que as relações sociais são fontes de prazer, desse modo, o seu impacto contrário gera sofrimento, e diante das entrevistas que foram feitas durante essa pesquisa, percebe-se que um dos aspectos mais difíceis considerados pelos docentes, foi a dificuldade e a falta de interação com os alunos como foi citado em alguns trechos das entrevistas: “*O mais difícil foi é, é não tá presente em sala de aula mesmo, o universo contagiante que a sala de aula tem.*” (**Wahrlich**). A professora **Follet** complementa “[...] *então claro que a gente sente falta de fazer isso, sente saudade de andar no campus, daquele “calorzinho”.*”

E devido a essa falta de interação, os docentes acabam por se frustrar, devido ao fato de se doarem o máximo para aprenderem novas habilidades com todas essas mudanças que ocorreram de forma inesperada por conta dessa pandemia, enquanto por parte do aluno não existia uma correspondência, no sentido de retribuir o trabalho, isso fica claro na fala da professora **Wahrlich**:

Eu até disse ontem na aula, teima (o aluno) birra e não quer abrir o e-mail institucional. Então essas é a falta de maleabilidade do Aluno em aceitar o mundo atual, né? Com essas exigências como essa simples de abrir o e-mail também é uma coisa que me incomoda até hoje.

Essas falas reforçam a proposta de Hoffman et al. (2017), quando ele diz que o adoecimento no contexto docente está relacionado sobretudo nas relações interpessoais. Assim, durante a pandemia, professor e aluno, por conta do isolamento e do distanciamento social, além dos métodos de visibilidade da aula, põs em evidencia o fato de o relacionamento entre esses agentes ser importante no constructo do ensino (processo de ensino e aprendizagem?).

5.1.3 Falta de reconhecimento da categoria

Outro fator que vem causando bastante sofrimento e indignação nos docentes é a questão da **falta de reconhecimento e de ajuda do governo**, eles veem isso como algo frustrante, pois apesar da busca constante por esse reconhecimento, continuam sem receber a merecida atenção:

[...] é eu acho sabe é um tanto quanto injusto essa falta de reconhecimento é. Que não se limita apenas a questão da pandemia, mas eu acho que isso se acentuou nesse momento (**Fayol**).

Eu arqueei com os meus próprios recursos, é financeiro e pessoal [...] é... pelo menos até onde meu conhecimento alcança, não tivemos nenhum subsídio do governo assim (**Taylor**).

O que deveria ser um fator de prazer para muitos dos docentes, já que uma das funções e dos objetivos principais do trabalho em si não giram em torno apenas de questões salariais, mas também em serem reconhecidos sobre seus papéis e sua importância, não só para os alunos, mas também a sociedade como um todo, Dario e Lourenço (2018) reforçam que o trabalho influencia na formação da autoimagem do profissional, assim, constitui um mediador da saúde, com primazia a mental, dessa forma possibilita a construção da identidade dos sujeitos do trabalho. Seguindo esse raciocínio, fica extremamente perceptível, o quanto o reconhecimento interfere na vida e na profissão de um professor independente de sua área de atuação.

Em concordância com Silva, Silva e Nelson (2015) que relatam, que o salário é um **mecanismo** mais comum de tentar motivar o desempenho do trabalho do que o amplo do serviço, sendo assim outra vertente que acaba influenciando no sofrimento ao invés de ser um incentivo que minimize o sofrimento dentro de uma organização. Essa observação vai ao encontro da reflexão da professora **Follet**: “*O salário (risos) a gente tá desde 2012 sem um aumento né? Então a perda salarial tá muito grande muito grande.*” Onde fica claro o quanto é frustrante para um docente a falta de reconhecimento e o descaso do governo para com eles, com relação principalmente as questões salariais.

Além da falta de reconhecimento, o docente ainda tem que passar por fatores internos e externos a organização, que acabam ocasionando ainda mais sofrimento, dentre esses fatores, estão as pressões constantes para mostrar resultados, as condições de vida e de trabalho desfavoráveis, excesso de trabalho, dificuldades e problemas familiares, problemas em lidar com o comportamento dos alunos, entre outros. Esses fatores estão diretamente ligados a adoecimentos mentais e doenças ocupacionais em docentes, que passam por tudo isso em busca de reconhecimento, status, garantia de renda e uma melhora de vida (DEJOURS, 1990)

5.1.4 Cansaço físico e mental

Alguns docentes explicaram que essa mudança na maneira deles darem aula, fez com que sentissem um maior desgaste **psicológico**, como relata um dos entrevistados: “[...] então isso é, impacta digamos assim o meu psicológico porque significa naturalmente são 2 anos sem aula presencial.” (**Taylor**). Para Dejours (1993), esse sofrimento é uma vivência subjetiva mediadora entre doença mental e o conforto psíquico. Ou seja, por conta de os docentes não estarem acostumado a ficar horas sentados na frente da tela de um computador, o psicológico deles acabou tendo que sair da “zona de conforto”, para uma área desconhecida de certo modo, que é no caso o ensino remoto, o que acabou causando um desgaste maior.

Foi relatado também um aumento do **cansaço** e do **desgaste** físico, que ocorria principalmente pela grande quantidade de tempo que eles tinham que passar sentados em uma cadeira:

Tem horas que eu me sinto mais cansado de ficar muito tempo aqui na cadeira diante do computador. A vista cansa um pouco mais. Eventualmente, sinto dores nas pernas e até mesmo nas costas (**Taylor**).

Eu observo assim que quando eu chego num estado e tal de cansaço, né? Eu sinto falta de ar, assim, falta de ar no sentido de ficar mais ofegante (**Fayol**).

O relato de Taylor e Fayol confirmam o argumento de Carlotto (2002), na qual as atividades diárias da docência no contexto em questão, prova o desconforto físico e o desgaste mental excessivo, o que pode levar a inúmeros sintomas de doenças que acomete tanto a mente quando o aparelho físico.

A respeito desses relatos, fica perceptível a necessidade de se atentar implicações e as causas do sofrimento no trabalho docente, e dessa maneira se visualizando meio de facilitar a prevenção do adoecimento mental e físico desses profissionais (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

5.2. O PRAZER NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

5.2.1. Crescimento pessoal e profissional

Dario e Lourenço (2018) salientam o aspecto da formação de uma autoimagem que se conecta na satisfação e prazer no trabalho. Essa formação é contribuída também pelo desenvolvimento nos seus aspectos laborais, logo o **crescimento pessoal** alia-se ao fator de prazer nos docentes investigados. Nesse sentido, a entrevistada **Follet** relata que essa mudança de ambiente de trabalho ocorrido durante a pandemia fomentou a seu desenvolvimento tanto pessoal como profissional, na qual em sua fala ela diz: “[...] eu acho que isso traz para mim, um crescimento, um amadurecimento, um desenvolvimento pessoal”.

Ademais, em diversos setores de desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, os aprendizados para lidar com a tecnologia nos novos tempos foi algo que foi percebido com destaque, na qual **Fayol** diz que “[...] talvez se não ocorresse a pandemia, a gente continuaria né dando nossas aulas das mesmas maneiras, sem conhecer novas metodologias sem conhecer novas plataformas...”, onde **Fayol** reforça também que “A gente de alguma maneira evoluiu nesse sentido, e talvez se tenha sido lá dessa iniciação tecnológica.”, essa fala corrobora o que **Taylor** diz:

[...] Então, um ponto positivo dessas aulas remotas nessa perspectiva foi que eu desenvolvi uma habilidade... Uma expertise, é de ter uma maior familiaridade, digamos assim, com a tecnologia... Então, hoje sobremaneira eu já utilizo a algumas tecnologias com maior facilidade por ocasião das aulas remotas.

Isso vai ao encontro do que fora observado no trabalho de Gusso et al. (2020) em que exigiu dos professores uma grande necessidade de adaptação e obtenção de habilidades, nas quais conhecimentos relacionados a tecnologias e adaptação das metodologias didáticas sobressaem.

Outro aspecto relacionado ao prazer é a **vocação em dar aulas** dita pelos entrevistados, em que mesmo tendo diversos empecilhos no decorrer da pandemia, não houvera cogitações de uma possibilidade de largar a docência. Esse fator é observado quando **Follet** relata que:

[...] ver a pandemia como oportunidade que a gente tem para repensar muitas coisas: repensar relacionamentos, repensar os nossos métodos de trabalho, repensar o se a gente ama o que a gente faz, porque se tem gente que só reclama, e reclama, tá na

profissão errada. Porque se a gente ama o que faz, a gente faz, pode ser até de cabeça para baixo.

Taylor salienta ainda sua motivação:

O que me motiva a sempre ministrar aula é, contribuir para a formação acadêmica dos discentes e das discentes. Porque eu entendo que essa é a premissa maior do docente: contribuição para a formação acadêmica dos seus discentes.

Nesse sentido, as falas das entrevistadas reafirmam a perspectiva apontada nos trabalhos de Godoi et al. (2020) e Hoffmann et al. (2017) em que no apogeu da pandemia, gerou os mais diversos impactos e intensificação de consequências mentais e físicas relacionadas aos objetivos da instituição em ater-se a um ensino de qualidade. No entanto, por suas condições subjetivas e individualizadas, percebeu-se que esse fator sobressaiu frente a todos os desafios surgidos no período, na qual os discursos também vão ao encontro do que Dejours (1987) discorre nos seus trabalhos.

Nesse contexto, observa-se que apesar de inúmeros desafios que os docentes enfrentaram, os seus aspectos pessoais vocacionais sobressaíram. Pois, conforme Souza et al. (2020), ao haver a alteração do ambiente de trabalho e aparecendo novas exigências, bem como Godoi et al. (2020) ponderando os diversos desafios dos docentes no ápice da pandemia, foram perpassados pelos docentes. Porém, com suas características de amor à docência e desenvolvimento e crescimento pessoal, bem como profissional, constituíram os pilares para passar o período pandêmico na docência superior sem questionar seus próprios instintos pessoais.

Dessa maneira **Fayol** relata que *“Todos os professores, de alguma maneira, tenham tentado melhorar, suas condições de dar aula: se preparar adequadamente para tentar atingir o objetivo...”* o que solidifica a percepção de crescimento pessoal e profissional dos docentes entrevistados. Assim, a construção de uma marca pessoal, de acordo com Dario e Lourenço (2018), cristalizada por esse avanço de habilidades adquiridas, forma um dos fatores de prazer.

5.2.2. Desenvolvimento das relações docentes e discentes

Conforme Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), um dos fatores propulsores do prazer no trabalho é o relacionamento social, e de acordo com a entrevistada **Follet** *“[...] a gente tem que aproveitar esse momento para desenvolver o relacionamento com os alunos mesmo que distante, desenvolver como ser humano e olhar positivamente para as coisas, entendeu?”*, assim, visto que os docentes além das relações já advindas com os processos de aulas, tentaram aguçar esse aspecto no intuito de melhorar a praxe docente.

A entrevistada **Follet** reforça que o não prejuízo nas relações, pois de acordo com a fala dela *“[...] eu não vejo nenhum prejuízo, só mesmo aquele contato físico”*, desse modo, as relações preconizadas nos estudos de Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) se aplica aqui também sob os aspectos de proximidade física. **Follet** ainda reitera que *“A gente sente falta daquela questão... dessa animação que a gente tem no campus”*. Essa fala confirma o que **Taylor** diz quando se refere ao distanciamento nas aulas por meio de videoconferência *“[...] o simples fato de em muitas das aulas não poder ver o discente a discente na tela aqui do computador”* considerando um ponto negativo.

Para tanto, a instituição deu um suporte também para manter os docentes aptos a desenvolver o seu trabalho, o que correlaciona com as suas relações com discentes e colegas docentes, assim como diz o entrevistado **Taylor** *“...sentimento foi de gratidão da minha parte*

por a instituição ter tido essa iniciativa de cooperar, de contribuir de um modo geral, para o nosso bem-estar.”

Além disso, não foram apenas com os discentes que tentou desenvolver as relações, e sim também com colegas docentes do campus, na qual a entrevistada **Wahrlich** atesta o aproveitamento de reuniões realizadas e também a ausência de prejuízos no relacionamento interpessoal *“Sempre foram muito proveitosas (as reuniões), objetivamente falando. Mas o contato com os professores: nenhum prejuízo nenhum.”*

Ainda no aspecto do relacionamento docente, houvera cooperação mútua, em que **Fayol** relata: *“[...] de um tentar ajudar o outro assim no sentido de de procurar mesmo se qualificar acho que isso marcou bastante...”*, da mesma forma **Taylor** diz que *“[...] sempre houve essa cooperação, a gente dialogava na medida do possível com o colega compartilhando uma aprendizagem que poderia auxiliar, que poderia colaborar.* Isso estabelece relação com o que Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), em que as relações entre colegas de trabalho e cooperação se traduz em um melhor estado mental, o que Dejours (1987) traz como o prazer na prática do trabalho.

5.2.3. Gestão do tempo

Apesar da prática do trabalho docente exigir que faça atividades fora do horário de expediente, como **Wahrlich** diz *“eu sempre disponibilizei o máximo acesso é no que toca comunicação. Sempre pelo WhatsApp, entendeu? Então, por exemplo, eu tinha aluno que eu tava falando com ele 10 horas da noite assunto, sempre pertinente a sala de aula.”*, bem como durante a pandemia ter aparecido mais exigências e até sobrecargas para consecução de objetivos, bem como ter a convivência com a precarização do ensino superior, os docentes não consideraram a carga de trabalho diferente da já habitual presencial. A entrevistada **Follet** diz que:

[...] eu não achei que houve aumento de trabalho de jeito nenhum. A gente quando tá no presencial não tem essa história de dar uma semana e na outra semana não dá não. A gente tem que estar lá toda a aula.

Isso corrobora o que **Taylor** relata *“Não aumentou (a carga de trabalho), ao contrário, em alguns momentos, ele fez foi exatamente diminuir”* (SILVA et al., 2020; DARIO; VILELA; LOURENÇO, 2021). Esta fala de **Taylor** está de acordo com o que **Follet** diz em *“...eu acho que tem a possibilidade do contrário (menos carga de trabalho), porque tem a ser síncrona e assíncrona né? Então tem a possibilidade do professor ficar é uma semana sem trabalhar, e alguns fazem...”*. Isso faz com que os docentes tivessem também um tempo dedicado a si e a família.

Outrossim, o aspecto de os docentes estarem no trabalho remoto já contribuiu para permanecerem próximos a familiares que coabitam, e isso é visto na fala de **Fayol** *“Eu tá próximo da minha família, do meu filho, da minha esposa...”*. Esse fator contribui para que os docentes condicionassem sua mente para “suportar” o período pandêmico no trabalho remoto. (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

Assim, a atividade docente remota, por gerar um ritmo de trabalho diferente, houvera certa flexibilidade, onde **Taylor** destaca *“[...] houve uma flexibilização de horário”*, o que fez com que docentes tivessem oportunidades de desenvolver atividades, sejam profissionais, sem pessoais, no sentido de aproveitar essa nova faceta que o ensino remoto, por decorrência da pandemia, como **Follet** explica em sua fala que iniciou o doutorado e mesmo assim permaneceu lecionando disciplinas *“[...] logo, eu estou tendo a oportunidade de tá fazendo o doutorado e está com vocês, entendeu? Eu não poderia fazer isso se não tivesse remoto”*.

Portanto, programação cotidiana dos docentes somadas as necessidades diárias, tanto sob o ponto de vista pessoal quanto profissional, fez com que os docentes utilizassem a oportunidade desse tempo (SILVA, *et al.*, 2020). Isso está intrinsicamente relacionado também ao fator de prazer do crescimento pessoal e profissional, na qual observa-se interligação entre os fatores (DARIO; LOURENÇO, 2018).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a percepção de alguns fatores que propiciam sofrimento e/ou prazer em docentes de uma instituição de ensino superior no Nordeste do Brasil quanto a mudança no ambiente de trabalho durante o período pandêmico, foi conduzindo um estudo qualitativo com caráter explicativo, na qual foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados por meio de videoconferência. Para tanto, foram analisadas e os resultados estruturados sob os aspectos de sofrimento e prazer decorrentes na atividade docente no perpassar do período pandêmico.

Nesse sentido, quanto ao sofrimento, foi compreendido que a necessidade de se fazer o ensino por meio remoto causou impactos diretos nos docentes. Primeiramente, deve-se ao fato de desgaste mental na sua adaptação ao ambiente de trabalho “novo” e também adequação de sua rotina de ensino, o que chegou a gerar conflitos com tarefas domésticas. Outro fator está relacionado ao distanciamento ocorrido entre os docentes e discentes, bem como entre os docentes e seus colegas de trabalho, em que apesar de não afetar as relações interpessoais, foi algo que foi visto como fonte de sofrimento pelos docentes, devido ao fato de não terem o acaloramento que no ensino presencial há. Além disso, o pouco reconhecimento sobre a categoria docentes também foi visto como algo que entra nesse aspecto, em que essa parte tanto da sociedade como da esfera governamental e política. Assim, isso corrobora para o desencadeamento de consequências do sofrimento no trabalho, podendo evoluir para patologias relacionadas a ergonomia e psicologias.

Quanto ao prazer, verificou-se que a carga de aprendizado desde métodos didáticos até tecnologias que foram vistos como uma satisfação pessoal, pois embora desafios houvesse surgidos, a sentimento de ter se desenvolvido tanto pessoalmente quanto profissionalmente constituiu uma fonte de prazer. Ainda as relações sociais foram desenvolvidas sob o aspecto de ser observado a contribuições mútua entre os docentes, com o fim de auxiliar de algum modo sua adaptação a nova metodologia de ensino, bem como também foi conduzido a uma nova forma de diálogo com os discentes, desenvolvendo laços de relacionamento. Portanto, os aspectos de prazer foram essenciais, de sobremaneira, na mitigação daqueles de sofrimento para que os docentes enfrentassem os percalços do ensino remoto durante a pandemia.

Cabe destacar algumas limitações na realização desse estudo. Primeiramente, houve não resposta em relação aos convites feitos, o que fez diminuir a amostra, o que poderia ter contribuído com mais dados essas entrevistas que não foram feitas. Em segundo lugar está o fato de um dos professores também desempenhou a função de coordenador do curso durante a pandemia, e dois estarem em regime de afastamento parcial devido serem, à época, doutorandos. Por último, os docentes entrevistados eram professores dos entrevistadores, o que pode ter inibido algumas respostas mais precisas.

Quanto aos estudos futuros, sugere-se que seja feita análise mais profunda dos fatores de sofrimento e prazer em docentes que desempenham também atividades de gestão relacionada ao trabalho. Sendo assim, a compreensão do estudo deu-se sob o aspecto de que devido o ambiente laboral dos docentes ter mudado, por conta da pandemia, constituiu fatores de sofrimento e prazer. Contudo, faz-se necessário mais estudos de campo sobre a temática e o impacto a longo prazo, pois por envolver o período pandêmico tudo é relativamente muito novo e as pesquisas que se tem são precoces.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. M.; SILVA, J. R. G. Percepções dos indivíduos sobre as consequências do teletrabalho na configuração home-office: estudo de caso na Shell Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 1, art. 5, p. 71-91, 2010.

BERNARDO, K. A.; MAIA, F. L.; BRIDI, M.A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia covid-19. **NORUS**, v. 8, n. 14, p. 8-39, ago./dez. 2020.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

COLBARI, A. A Análise de conteúdo e pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014, p. 241-271.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DARIO, V. C.; LOURENÇO, M. L. Cultura Organizacional e Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho: Um Estudo com Professores de Instituições Federais de Ensino Superior. **Revista Organizações em Contexto**, v. 14, n. 27, p. 345-395, 2018.

DARIO, V. C.; VILELA, N. G. S.; LOURENÇO, M. L. Raiva, Medo, Angústia: Emoções e Vivências de Sofrimento no Trabalho de Professores de Graduação. **Revista de Administração da Unimep**, v. 19, n. 1, p. 208-228, 2021.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

FILARDI, F.; CASTRO, R. M.; ZANINI, M. T. F. Vantagens e Desvantagens do Teletrabalho na Administração Pública: Análise das Experiências do Serpro e da Receita Federal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 28-46, 2020.

FREITAS, M. E. Quem paga a conta do assédio moral no trabalho?. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, art. 12, p. 1-7, 2007.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 1-16.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 89-114.

GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. A. “Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. **Dialogia**, v. 42, n. 36, p. 86-101, 2020.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Estudo de Caso Qualitativo In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GUSSO, H. L. et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. 1-26, 2020.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 803-814, 2015.

HOFFMANN, C. et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados**, v. 31, p. 257-276, 2017.

MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento - Docente em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **Organizações & Sociedade**, v. 21, n. 68, p. 835-852, 2014.

NOBRE, A. Explorando desafios pedagógicos digitais no ensino profissional durante a pandemia da COVID-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 8, n. 1, 2021.

SILVA, A. F.; ESTRELA, F. M.; LIMA, N. S.; ABREU, C. T. A. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, p. 1-4, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300216>

SILVA, J. C. B. C.; SILVA, A. L. A.; NELSON, A. V. M. Sofrimento humano nas organizações: o enfoque na sociedade disciplinar. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 5, n. 3, p. 402-412, 2015.

SOUZA, K. R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 1-14, 2021, DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Questões sobre contexto do trabalho home office

1. O que significa “trabalhar no home office” como docente para você?
2. Como você se sente exercendo suas atividades no contexto do home office durante a pandemia?
3. Qual a maior disparidade de trabalho docente no home office para o presencial, no contexto da pandemia?
4. Em quais aspectos o trabalho home office na pandemia se constituiu como uma experiência negativa?
5. Quais as principais mudanças percebidas por você nessa nova modalidade de ensino?
6. Quanto ao método de ensino, o trabalho remoto prejudicou ou foi um ponto positivo para você a lecionar?

Questões sobre Psicodinâmica

7. Você se identifica com o trabalho que exerce? Como se sente realizando esse trabalho de modo remoto?
8. O que lhe motiva no seu trabalho?
9. Ao exercer o trabalho trouxe alguma forma de prejuízo nas relações sociais?
10. A relação com alunos trouxe alguma forma de sofrimento? Em que aspectos houve sofrimento?
11. A relação com colegas de trabalho trouxe alguma forma de sofrimento? Quais?
12. A relação com a chefia/coordenação trouxe alguma forma de sofrimento? Quais?
13. Existe alguma forma de competição ou de cooperação com os colegas de trabalho ou com a chefia/coordenação? Quais? Como você se sente com a existência desse aspecto?
14. Como você se sente com a imposição de regras/conduitas por parte da chefia/coordenação?
15. Como você tem lidado com a avaliação de suas atividades por parte da coordenação do seu curso? Se existe esse controle, há uma forma de sofrimento por causa disso?
16. Quais são os fatores que causam insatisfação no seu trabalho? Quais foram as intervenções, por parte da instituição, para mitigar esses fatores?
17. Você considera que há um desgaste mental com a atividade docente por meio remoto? Se afirmativo, como você tem lidado para com isso?
18. Na sua percepção, o exercício do seu trabalho pode causar algum tipo de dano físico ou emocional? Você já passou por isso? Como ocorreu? Quais os danos, físicos ou emocionais, à sua saúde que você considera terem sido decorrentes da sua atividade como docente?

Questões sobre intensificação do trabalho

19. Você considera que o ritmo de trabalho aumentou quando aderido ao trabalho remoto durante a pandemia? Se afirmativo, na sua percepção, em quantp foi esse aumento?
20. Durante o período remoto de ensino, houve demandas fora do horário de trabalho? Se sim, quais desses horários recebeu maior demanda?

21. Você conseguiu conciliar as suas atividades de docência com a sua vida pessoal, sem prejuízos? Como você avalia essa situação comparativamente ao trabalho de forma presencial?
22. Qual é a sua percepção sobre a cobrança dos resultados do seu trabalho? Como você lida com esta situação? Desenvolveu alguma estratégia para lidar com isso?
23. Na sua análise, considera que distribuição de aulas entre os docentes justas, na passagem para o home office? Em que aspecto, a distribuição de aulas constituiu um aumento ou diminuição da carga de trabalho?
24. Você foi acometido por alguma enfermidade decorrente do trabalho remoto? Se sim, qual? Se afirmativo, a enfermidade foi decorrente de um aumento na carga de trabalho?
25. Você considera que a intensificação do trabalho refletiu mais em sua psique ou no seu físico? Como isso se deu? Como a instituição interviu a seu favor?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Janeilson de Lima de Sousa e Victor Sousa Teixeira, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação PRAZER E SOFRIMENTO NA ADAPTAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de MAIO de 2022.



Documento assinado digitalmente
JANEILSON DE LIMA DE SOUSA
Data: 26/05/2022 17:12:02-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Assinatura

Victor Sousa Teixeira

Assinatura